

O desvelamento dos discursos ideológicos da mídia como estratégia de leitura e compreensão do mundo

Marcus Vinicius Silva Gomes¹

Marcelo Werner da Silva²

O pior analfabeto é o analfabeto político. Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos. Ele não sabe o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio dependem das decisões políticas.

O analfabeto político é tão burro que se orgulha e estufa o peito dizendo que odeia a política. Não sabe o imbecil que, da sua ignorância política, nasce a prostituta, o menor abandonado, e o pior de todos os bandidos, que é o político vigarista, pilantra, corrupto e lacaio das empresas nacionais e multinacionais.

(Bertold Brecht, O analfabeto Político)

Introdução

Este trabalho trata do desvendamento dos discursos ideológicos existentes em textos midiáticos enquanto estratégia educativa. O discurso é uma exposição metodológica sobre certo assunto, um arrazoado que visa influir no raciocínio, ou quando menos, nos sentimentos do ouvinte ou leitor. Já a análise do discurso é definida como uma prática e um campo da lingüística e da comunicação especializado em analisar construções ideológicas existentes, por exemplo, em textos da mídia. Como a ideologia se materializa na linguagem, fazendo parte de seu funcionamento, através da análise de discursos, podemos compreendê-la em seu funcionamento imaginário e materialmente articulado ao inconsciente. A idéia do discurso como “transmissor” de ideologia é aplicada ao desvendamento da realidade como parte do processo educativo de possibilitar ao educando a realização da leitura do mundo. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia têm como um de seus eixos para o terceiro ciclo do ensino fundamental "A geografia como uma possibilidade de leitura e compreensão do mundo". Entendemos que o desvelamento dos discursos ideológicos presentes em discursos midiáticos pode fornecer aos professores da disciplina ferramentas para um exercício mais adequado de sua atividade.

¹ Graduando em geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e membro do Núcleo de Pesquisas de Geografia Histórica (NPGH/UFRJ). Endereço eletrônico: marcusgomes@ufjf.br.

² Doutor em geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, professor adjunto da Universidade Federal Fluminense (UFF – Campos) e membro do Núcleo de Pesquisas de Geografia Histórica (NPGH/UFRJ). Endereço eletrônico: silvamw@yahoo.com.br.

O que é Ideologia ?

No trato dessa questão optamos por utilizar inicialmente a filósofa Marilena Chauí que em sua obra “O que é Ideologia” (1980) a define como “um ideário histórico, social e político que oculta a realidade, e que esse ocultamento é uma forma de assegurar e manter a exploração econômica, a desigualdade social e a dominação política”.

Neste sentido e como um acréscimo de sua justificativa, a filósofa toma como pressuposto a concepção das epistemologias dialéticas, para as quais, ao contrário dos ideários empirista e racionalista/idealista - que concebiam a realidade como um dado da sensibilidade ou da consciência, respectivamente -, a realidade é um processo temporal, que depende, sobretudo, das circunstâncias pelas quais e em função das quais o sujeito opera e fica sujeito às suas convicções.

Esta autora percebe a história não apenas como a simples sucessão de fatos nem tampouco como progresso de idéias, “mas o modo como homens determinados em condições determinadas criam os meios e as formas de sua existência social, reproduzem ou transformam essa existência social que é econômica, política e cultural”. Com o que concorda com Althusser (1985), para quem ideologia seria a *representação das relações imaginárias dos indivíduos com suas condições reais de existência*. Entretanto é possível notar que tanto a concepção de ideologia de Chauí (1980) quanto a de Althusser (1985) remetem as proposições de Marx & Engels (1976) que interpretam a ideologia como uma construção imaginária semelhante aos sonhos, ilusões, representações invertidas, distorcidas de uma realidade concreta e verdadeira.

Segundo Chauí (1980) a história da humanidade deixa evidente que as sociedades sempre foram e continuam sendo divididas em classes sociais: de um lado, um segmento minoritário, porém dominante; de outro, uma parte majoritária, dominada. Chauí defende que a ideologia nada mais é do que a manifestação do pensamento da classe que domina sobre a que é dominada.

O cerne da questão está em responder a duas perguntas: Por que, ao contrário do que muitas vezes se pensa, o termo ideologia é usado para referir-se às idéias de dominação de uma classe sobre outra? De toda forma, como é possível uma ideologia favorecer o domínio de um segmento menor de pessoas em detrimento de uma comunidade infinitamente maior?

Para se chegar às respostas torna-se necessário um pequeno aprofundamento do estudo das origens do termo ideologia.

Esta autora ensina que foi Destutt de Tracy, na obra *Eléments d’Idéologie*, que, procurando elaborar uma ciência da gênese das idéias capaz de auxiliar na formação de uma nova pedagogia e moral, inventou o termo ideologia. Na ótica do pensador, eminentemente racionalista, as idéias seriam “fenômenos naturais que exprimem a

relação do corpo humano, enquanto organismo vivo, com o meio ambiente”. Neste estudo, Tracy enumerou as faculdades sensíveis e inerentes a todos os seres humanos que, segundo ele, seriam responsáveis pela formação das idéias: vontade, razão, percepção e memória, responsáveis, respectivamente pelo querer, julgar, sentir e recordar.

Já Comte, segundo Chauí, elaborou uma teoria da evolução do espírito humano, a partir de três fases: a teológica ou fetichista (quando os homens explicavam a realidade através de Deus), metafísica (quando assim o faziam através de princípios abstratos) e positiva ou científica (quando passavam a explicar a realidade através da atividade racional, expressada pela Sociologia ou física social), etapa final do progresso humano. Para Comte, cada uma dessas fases do espírito humano era fundamentada por um conjunto de idéias os quais chamou de ideologias. Assim, equiparou ideologia a teoria. Teoria responsável pela formação de todas as idéias do ser humano, das mais gerais (como p.ex, a física) às mais particulares (p.ex., a moral).

Sobre a análise de discurso

Como ponto de partida, é necessário atentar para a seguinte questão: o que é o discurso? Definições mais simples o colocam como “uma exposição metodológica sobre certo assunto, um arrazoado que visa influir no raciocínio, ou quando menos, nos sentimentos do ouvinte ou leitor”. Esta palavra, em seu sentido figurado, é também encontrada no Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2004) como uma “Fala longa, de caráter moralizante”. Com efeito, e ainda no que se refere a este seu caráter subjetivo, Orlandi (2005) coloca que a noção de discurso, em um sentido mais amplo, é definido por um efeito de sentidos entre locutores, ou seja, este não deve tratado como uma simples transmissão de informação, pois o funcionamento da linguagem é que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história. Logo temos um complexo processo de constituição da informação.

Pensando que há muitas maneiras de atribuir significados que os estudiosos começaram a se interessar pela linguagem de uma maneira particular, surgindo então a Análise de Discurso. Esta, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora ambas lhe interessem. Ele trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 2005).

Ainda no que concerne as suas origens é necessário ressaltar que a Análise de Discurso, que toma o discurso como seu objeto próprio, se iniciam nos anos 1960. Porém o estudo do que interessa à ela – o da língua funcionando para a produção de sentidos e que permite analisar unidades além da frase, ou seja, o texto – já se apresentara de forma não sistemática em diferentes épocas e segundo diferentes perspectivas.

Na análise de discurso, procura-se compreender a língua enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. De uma maneira geral, esta é definida como uma prática e um campo da lingüística e da comunicação especializado em analisar construções ideológicas existentes, por exemplo, em textos da mídia. Como a ideologia se materializa na linguagem, fazendo parte de seu funcionamento, através da análise de discursos podemos compreendê-la em seu funcionamento imaginário e materialmente articulado ao inconsciente pelo fato mesmo de pensá-la fazendo intervir a noção de discurso (ORLANDI, 2005).

Com uma clareza ímpar, Orlandi (2005) nos coloca sobre a necessidade de se

problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem. Perceber que não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, sua opacidade. Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos.

Neste sentido, a entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos da fala e suas conotações políticas. Não temos como não interpretar. Segundo Orlandi (2005) essa é a contribuição da análise de discurso, que nos coloca em estado de reflexão e, sem cairmos na ilusão de sermos conscientes de tudo, permite, que ao menos sejamos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem.

O desvelamento dos discursos ideológicos da mídia como estratégia de leitura e compreensão do mundo

Neste tópico trataremos da relação necessária entre o discurso e os parâmetros curriculares nacionais de geografia, responsáveis pela direcionamento das práticas e conteúdos ministrados nos ensinos fundamental e médio da educação brasileira. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia, a geografia “é uma área de conhecimento comprometida em tornar o mundo compreensível para os alunos, explicável e passível de transformações” (BRASIL, 1998).

Portanto a concepção de geografia proposta pelos PCN está de acordo com nossa visão exposta de discurso. Isso fica ainda mais claro quando esse documento trata da questão da relação entre a geografia e a produção de imagens pela mídia:

Assim, pode-se compreender por que o espaço, a paisagem, o território e o lugar estão associados à força da imagem, tão explorada pela mídia. Pela imagem, muitas vezes a mídia utiliza-se da paisagem para inculcar um modelo de mundo. Sendo a Geografia uma ciência que procura explicar e

compreender o mundo por meio de uma leitura crítica a partir da paisagem, ela poderá oferecer grande contribuição para decodificar as imagens manipuladoras que a mídia constrói na consciência das pessoas, seja em relação aos valores socioculturais ou a padrões de comportamentos políticos nacionais (BRASIL, 1998).

Para concretizar a proposta detalhada neste trabalho passaremos agora a detalhar os mecanismos de manipulação dos discursos e as formas de desvelá-lo através da análise de discursos.

Mecanismos de manipulação dos discursos

A característica do discurso de ser transmissor de uma mensagem ideológica nos leva a refletir sobre os mecanismos de manipulação de discursos. O primeiro meio de identificar a postura ideológica é determinar quem fala. Como exemplo descrevemos um fato ocorrido na “Lista de Discussão de Geografia”, mecanismo virtual de trocas de idéias sobre o conhecimento geográfico (<http://br.groups.yahoo.com/group/listageografia/>). Certo participante, para contestar o súbito interesse das potências hegemônicas mundiais na questão da ecologia, no discurso sobre o “aquecimento global”, enviou o seguinte texto:

Felizmente para a Humanidade, a trombeteada crise climática provocada pelo homem simplesmente não existe. Na verdade, trata-se da culminância de um vasto processo de "engenharia social" (ou, em português claro, manipulação) de caráter neocolonial e de longo prazo, deflagrado há quatro décadas por grupos oligárquicos hegemônicos do Hemisfério Norte, com o objetivo geral de reorientar o desenvolvimento socioeconômico mundial de acordo com os seus propósitos exclusivistas - enquanto, claro, fazem grandes negócios.

Recorde-se que, em meados da década de 1960, a Humanidade como um todo experimentava o mais alto ritmo de progresso de sua história, com destaque para os países do chamado Terceiro Mundo, muitos dos quais implementavam ou contemplavam ambiciosos programas de industrialização. Contra esse impulso positivo e otimista, que contrariava a sua visão negativa sobre o mundo e as perspectivas humanas, o Establishment oligárquico anglo-americano desfechou uma ofensiva em várias frentes, visando, basicamente:

1) transferir o controle dos processos de desenvolvimento, dos Estados nacionais para entidades supranacionais e não-

governamentais, consolidando estruturas de "governo mundial" (ou "governança global", como preferem alguns);

2) erradicar o "vírus do progresso" entre os estratos educados das sociedades de todo o mundo, com a difusão do irracionalismo e da descrença nas conquistas científico-tecnológicas como motores do desenvolvimento;

3) reduzir o crescimento da população mundial; e

4) controlar uma grande proporção dos recursos naturais do planeta (MOVIMENTO DE SOLIDARIEDADE IBERO-AMERICANA, 2007).

Como pode-se perceber os quatro pontos listados distorcem, sobremaneira, a questão do aquecimento global. Para realizar sua argumentação a justifica com o uso de argumentos que colocam a defesa da natureza como inimiga do progresso. E como só houvesse um único modelo de desenvolvimento, o aplicado desde o início do processo de industrialização, desconsiderando a concepção atual de “desenvolvimento sustentável”.

Procuramos então saber que movimento era responsável por tal texto. E Descobrimos tratar-se de uma organização de extrema-direita organizada por um cidadão americano chamado Lyndon LaRouche, que defende teses conspiratórias como as descritas no texto. Portanto um movimento que defende idéias retrógradas e preconceituosas se utilizando de argumentos falsos e contraditórios para defender, no fundo, uma visão conservadora e retrógrada de desenvolvimento, se contrapondo à tentativas de discussão do modelo da civilização ocidental e os malefícios que este traz para o meio ambiente.

Outra questão envolvida na análise do mecanismo de manipulação de discursos é a questão de quem determina a pauta. Se somente a imprensa for dada essa atribuição, será que teremos um debate realmente democrático? Nas palavras de Virilio (1996):

Os meios de comunicação industriais se beneficiam de uma singular depravação das leis democráticas. Efetivamente, se a televisão e, por osmose, a imprensa, não gozam, a priori, da liberdade de anunciar notícias falsas, nossa legislação lhes concede por outro lado o poder exorbitante de mentir por omissão, censurando e vetando aqueles que não lhes convêm ou possam prejudicar seus interesses

Também a manipulação pode estar no desvio do foco da discussão, o que se assemelha ao poder de determinar a pauta de discussão à determinação da pauta. Não podemos nos

esquecer também do poder da palavra. Em frase famosa atribuída à Joseph Goebbels, Ministro da Propaganda do ditador nazista alemão Adolf Hitler, para quem uma mentira repetida inúmeras vezes se transforma em verdade.

Um outro interessante exemplo concreto, analisado nessa pesquisa, é o estudo realizado pelo Laboratório de Pesquisas em Comunicação Política e Opinião Pública (DOXA), vinculado ao Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ).

Esta pesquisa realizou a mensuração da cobertura jornalística dos principais candidatos às eleições presidenciais de 2006, sendo avaliadas as notícias publicadas, que beneficiam ou prejudicam cada candidatura.

As aparições dos candidatos à presidente da república foram avaliadas através dos seguintes critérios:

***Positiva:** matéria sobre ou com o candidato reproduzindo programa de governo; promessas; declarações do candidato ou do autor da matéria ou de terceiros (pessoas ou entidades) favoráveis (contendo avaliação de ordem moral, política ou pessoal) ao candidato; reprodução de ataques do candidato a concorrentes, resultados de pesquisas ou comentários favoráveis.*

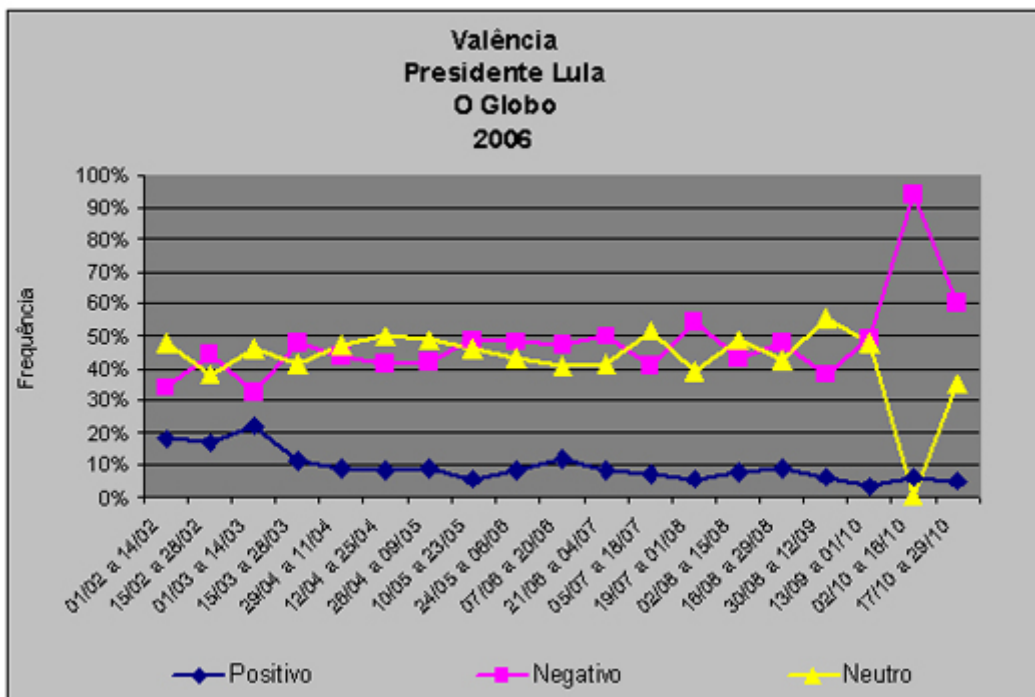
***Negativa:** matéria reproduzindo ressalvas, críticas ou ataques (contendo avaliação de ordem moral, política ou pessoal) do autor da matéria, de candidatos concorrentes ou de terceiros a algum candidato, resultados de pesquisas ou comentários desfavoráveis.*

***Neutra:** agenda do candidato, matéria sobre ou citação de candidato sem avaliação moral, política ou pessoal do candidato. Do autor da matéria ou de terceiros, inclusive de concorrentes (FIGUEIREDO, 2007)*

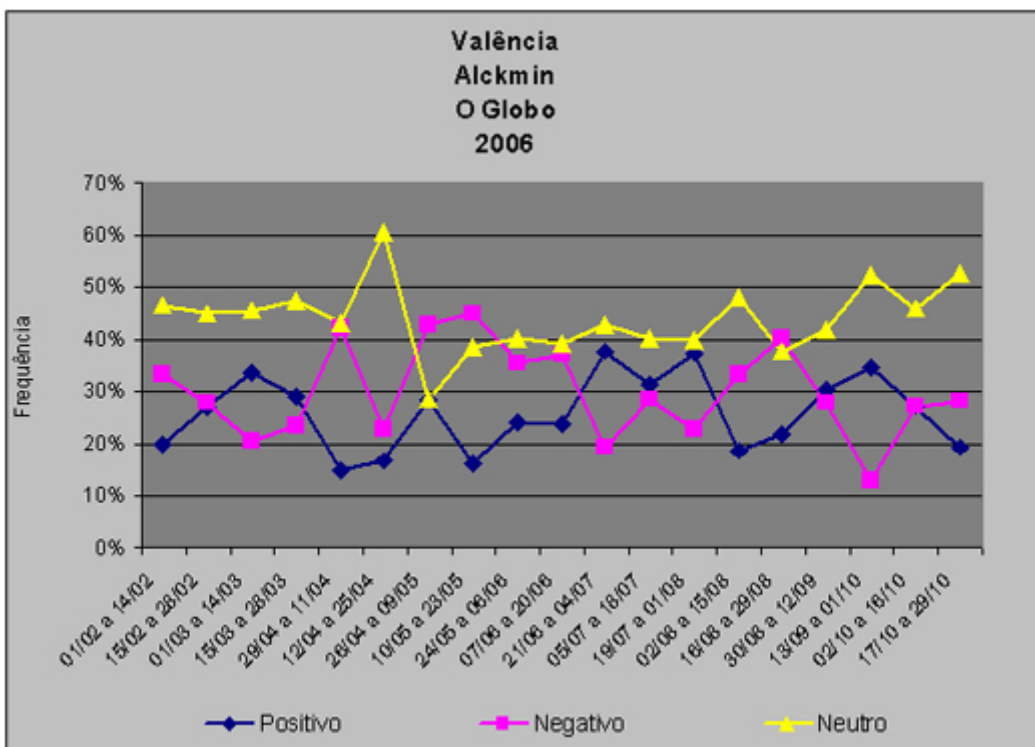
Nesse estudo podemos constatar as variações de tratamento entre os candidatos. Vamos destacar o tratamento diferencial entre os dois principais candidatos em 2006, o presidente Lula e Geraldo Alckmin. Amorim (2007), em entrevista com o coordenador do estudo comenta que

A pesquisa do professor Figueiredo mostra que o Globo e o Estadão são, numa mídia contra o Presidente Lula, os dois órgãos de imprensa mais anti-Lula. A pesquisa mostra que os editoriais e os colunistas são ainda mais anti-Lula do que o noticiário. O resultado desse sistemático anti-lulismo, segundo o professor Figueiredo, resultará na perda de credibilidade da grande mídia (AMORIM, 2007).

Com efeito, é possível notar este anti-lulismo a partir dos gráficos apresentados abaixo:



Fonte: Figueiredo (2007)



Fonte: Figueiredo (2007)

Sobre os gráficos é possível notar a relação direta entre, por exemplo, a realização do segundo turno e as avaliações positivas e negativas de Lula e de Alckmin. Enquanto que no primeiro gráfico a avaliação negativa de Lula sofre um crescimento extraordinário no período entre o primeiro e o segundo turno³, a avaliação positiva de Alckmin cresce em proporção semelhante no mesmo recorte temporal. Por outro lado, durante quase todo o ano de 2006 a avaliação positiva de Lula mantém um nível muito baixo, ao contrário da avaliação positiva de Alckmin.

Considerações Finais

Através de exemplos como os apresentados neste artigo, acreditamos poder contribuir com os objetivos expressos nos PCN de Geografia. Uma possível agenda de ação para aplicação aos ensinos médio e fundamental, seria constituída pelas seguintes etapas: em primeiro lugar discutir com os alunos a questão da veracidade dos conteúdos veiculados na mídia como um todo. É preciso discutir o lugar comum de que tudo o que é vinculado na mídia é “verdade”. É necessário que os alunos percebam o noticiário enquanto o que em verdade são, ou seja, discursos.

Em segundo lugar elucidar os possíveis mecanismos de manipulação de discursos existentes através de exemplos como os citados no tópico “mecanismos de manipulação dos discursos”.

Por fim corroboramos com a idéia de Moreira (1994), para quem

Engravidando a paisagem através da imagem repetitivamente produzida pela publicidade, a mídia converte nosso cotidiano num puro mundo semiótico. Faz a paisagem tornar-se uma fábrica cuja função é produzir em série, em massa e padronizadamente o nosso dia-a-dia.

Assim, já não distinguimos se é a paisagem que faz o nosso cotidiano ou se é o nosso cotidiano que faz a paisagem. O mundo e o imaginário dos símbolos tornaram-se um só.

Em consequência, nosso interior torna-se cada vez menos distinguível de nosso exterior. Fundem-se um no outro interior e exterior. A mídia explode ao seu modo o universo cartesiano e leva consigo a velha Geografia.

Portanto a nossa proposta se insere na tentativa de construção de uma Geografia que leve em conta a os símbolos e discursos presentes na atual sociedade globalizada.

³ O primeiro turno das eleições de 2006 ocorreu no dia 1º de outubro, enquanto o segundo turno aconteceu no dia 29 de outubro.

Apesar de apresentarmos ainda resultados preliminares, acreditamos que tal agenda de pesquisa pode ser aperfeiçoada de modo a melhor elucidar as questões referentes à análise de discursos no ensino da geografia.

Bibliografia

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

AMORIM, Paulo Henrique. Carta Capital: O Globo e Estadão são os mais Anti-Lula. Disponível em < http://conversa-afiada.ig.com.br/materias/439501-440000/439982/439982_1.html>. Acesso em 22 jun. 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHAUÍ, Marilena. **O que é Ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2004.

FIGUEIREDO, Marcus (coord.). **Os candidatos na imprensa: Eleições 2006**. Rio de Janeiro, Laboratório de Pesquisas em Comunicação Política e Opinião Pública (DOXA): Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). 2007. Disponível em: < <http://doxa.iuperj.br/eleicoes2006.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2007.

MARX, Karl & ENGELS, Frederick. **A sagrada família ou crítica da crítica crítica contra Bruno Bauer e consortes**. Lisboa: Editorial Presença: São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1976.

MOREIRA, Ruy. O racional e o simbólico na geografia. In: SOUZA, M. A. A. de et. al. **Natureza e sociedade de hoje: uma leitura geográfica**. São Paulo: Hucitec/ANPUR, 1994. p. 46-55.

MOVIMENTO DE SOLIDARIEDADE IBERO-AMERICANA. **A fraude do aquecimento global**. Disponível em <<http://www.alerta.inf.br/index.php?news=721>>. Acesso em 10 jun. 2007.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005.

VIRILIO, Paul. **A arte do motor**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.